



REVISTA
Casa da
GEOGRAFIA
de Sobral
ISSN 2316-8056



AS FEIRAS TRADICIONAIS DO CRATO/CE NO CONTEXTO ATUAL: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NO COMÉRCIO E NO CONSUMO LOCAL E REGIONAL

The traditional fairs of Crato/CE in the current context: changes and permanences in trade and in local and regional consumption

Las ferias tradicionales del Crato-CE en el contexto actual: cambios y permanencias en el comercio y en el consumo local y regional

Les foires traditionnelles de Crato / CE dans le contexte actuel: changements et séjours dans le commerce et la consommation locale et régionale

<https://doi.org/10.35701/rcqs.v22n1.667>

Ivan da Silva Queiroz¹
Francisca Maryane Pereira²
Maria Soares da Cunha³

Histórico do Artigo:
Recebido em 10 de Outubro de 2018
Aceito em 22 de Março de 2020
Publicado em 25 de Abril de 2020

RESUMO

Este artigo objetiva refletir sobre os processos de mudança na Geografia do comércio e do consumo, partindo-se do recorte empírico das feiras do município de Crato, desvelando seus traços tradicionais e modernos. O estudo fundamenta-se numa abordagem qualitativa visando compreender as estratégias de resistência dos diferentes sujeitos envolvidos na organização das feiras em estudo. Aliada à observação sistemática dos arranjos contemporâneos nos espaços de comercialização local, foram realizadas entrevistas do tipo semiestruturada, tendo feirantes e consumidores das feiras tradicionais do Crato como informantes. A coleta de dados concentrou-se nos meses de novembro e dezembro de 2017, estabelecendo-se contato direto com 80 participantes de duas feiras (realizadas regularmente aos domingos e nas segundas-feiras). Os resultados da pesquisa apontam a existência de duas feiras, porém, com papéis e expressões distintas no espaço e no cotidiano urbano local e regional. Se de um lado, evidencia-se o aparente declínio do comércio

¹Professor Associado do Departamento de Geociências da Universidade Regional do Cariri – URCA; email: isqz@hotmail.com

²Licenciada em Geografia pela Universidade Regional do Cariri – URCA; email: framaryanefb2011@gmail.com

³Professora Associada do Departamento de Geociências da Universidade Regional do Cariri – URCA; email: maria.soares@urca.br

e do consumo em feiras tradicionais, de um outro, é possível constatar o vigor e a relevância dessas atividades na escala local.

Palavras-chave: Feira tradicional. Espaço Urbano. Mudanças. Crato/CE.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the processes of changes in the geography of trade and consumption, starting on the empirical cutout in fairs in Crato, revealing its traditional and modern features. The study is based on a qualitative approach aiming at understanding the resistance strategies of the different subjects involved in the organization of the fairs under study. Allied to the systematic observation of the contemporary arrangements in the local commercial spaces, semi-structured interviews were conducted with marketers and consumers from the Crato traditional fairs as informants. Data collection focused on the months of November and December 2017, establishing direct contact with 80 participants in the universe of two fairs (held regularly on Sundays and Mondays). The results of the research point to the existence of two fairs, however, with distinct roles and expressions in space and daily local and regional urban life. If, on the one hand, the apparent decline of trade and consumption in traditional fairs is evident, on the other hand, one can see the vigor and relevance of these activities at the local scale.

Key-words: Traditional fair. Urban Space. Changes. Crato/CE.

RESUMEN

Este artículo pretende reflexionar sobre los procesos de cambio en la geografía del comercio y del consumo en ferias de la ciudad de Crato, desvelando sus rasgos tradicionales y modernos. El estudio se fundamenta en un abordaje cualitativo para comprender las estrategias de resistencia de los diferentes sujetos envueltos en la organización de las ferias en estudio. Asociado a la observación sistemática de los arreglos contemporáneos en los espacios de comercialización local, se realizaron entrevistas del tipo semiestructurado, teniendo feriantes y consumidores de las ferias tradicionales de Crato como informantes. La colecta de datos se concentró en los meses de noviembre y diciembre de 2017, estableciendo contacto directo con 80 participantes de dos ferias (realizadas regularmente los domingos y los lunes). Los resultados de la encuesta apuntan a la existencia de dos ferias, sin embargo, con papeles y expresiones distintas en el espacio y en el cotidiano urbano local y regional. Si por un lado se evidencia el aparente declive del comercio y del consumo en ferias tradicionales, de otro, es posible constatar el vigor y la relevancia de esas actividades en la escala local.

Palabras clave: Feria tradicional. Espacio Urbano. Cambios. Crato-CE.

RÉSUMÉ

Cet article vise à réfléchir sur les processus de changement dans la géographie du commerce et de la consommation, à partir du profil empirique des foires de la municipalité de Crato, révélant leurs caractéristiques traditionnelles et modernes. L'étude s'appuie sur une approche qualitative afin de comprendre les stratégies de résistance des différents sujets impliqués dans l'organisation des foires en étude. Combinées à l'observation systématique des arrangements contemporains dans les espaces de marketing locaux, des entrevues semi-structurées ont été menées, ayant des commerçants et des consommateurs des foires traditionnelles de Crato comme les informateurs. La collecte des données a été concentrée au cours des mois de novembre et décembre 2017, établissant un contact direct avec 80 participants de deux foires (tenues régulièrement les dimanches et lundis). Les résultats de la recherche indiquent cependant l'existence de deux foires, cependant avec des rôles et expressions différents dans l'espace et dans la vie quotidienne urbaine locale et régionale. Si, d'une part, la baisse apparente du commerce et de la consommation dans les foires traditionnelles est évidente, d'autre part, il est possible de voir la vigueur et la pertinence de ces activités à l'échelle locale.

Mots-clés: foire traditionnelle. Espace urbain. Changements. Crato / CE.

INTRODUÇÃO

O presente ensaio tem o propósito central de destacar os processos de mudança e permanência e desvelar os traços tradicionais e modernos da (re)organização espacial das/nas feiras do Crato.

As feiras livres constituem uma das formas mais antigas de comercialização tradicional varejista. São eventos cíclicos, de caráter simbólico e cultural, em geral realizados ao ar livre, em determinado período, local e data. A feira é uma atividade social diversificada onde se comercializa uma variedade de produtos das mais diferentes origens.

As feiras incorporam diferentes formas de organização ao longo do processo de produção e assumem uma dimensão histórica significativa. Elas não se destacam apenas pelo seu potencial econômico, mas, também por sua importância como espaço cultural e de socialização, resistindo enquanto palco comercial e de encontro e reencontro de pessoas.

A propósito da realidade socioespacial da cidade do Crato/CE, autores como Menezes (1918), Petrone (1951) e Figueiredo Filho (1956), ao fazerem uma descrição da feira, asseveram a sua magnitude e importância. Eles informam que essa feira foi, por muito tempo, responsável pelo dinamismo econômico local e regional. Seu raio de influência atingia o vale do Cariri como um todo, ao mesmo tempo em que resolvia de maneira satisfatória a dieta alimentar regional.

No contexto atual, marcado pelo movimento global de homogeneização das estratégias de mercado, com supervalorização de estruturas comerciais modernas, a exemplo dos supermercados, hipermercados e varejões, qual o lugar da feira popular? Com um processo de urbanização, que prima pela ordem, calcada na implantação de uma nova estética comercial, com estruturas instaladas em grandes superfícies comerciais de um lado, e a promoção de espaços vazios de outro, ainda há espaço para as tradicionais formas comerciais, como a feira? A hipótese mais provável, considerando a realidade do Crato, é a de que as feiras livres representam um artefato de resistência, demandando novas leituras.

O aglomerado urbano CRAJUBAR, formado pelas cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, vem passando por intensas transformações, especialmente no seu empório comercial a partir da implantação de modernas lojas de varejo e grandes superfícies comerciais, principalmente em Juazeiro do Norte. A terra do Padre Cícero, desde o final da década de 1990, vem atraindo importantes redes que atuam no varejo nacional e global, a exemplo de supermercados e hipermercados, além da implantação e expansão de um moderno *shopping center*. A cidade de Juazeiro do Norte vem se consolidando como importante polo comercial na Região do Cariri cearense. Esse papel era exercido

pela cidade do Crato, considerando o recorte entre a segunda metade do século XIX até a década de 1980 (SILVA, 2017).

A feira tradicional do Crato, cuja origem remonta ao século XIX, não ficou indiferente às mudanças que vem atingindo essa região desde a década de 1990. Transformações aconteceram sem, contudo, a feira deixar de compor a paisagem e o cotidiano dessa cidade. No entanto, importava saber o que mudou nesse espaço/evento? Qual a relação que se estabelece no presente entre a feira e a cidade do Crato bem como à sua região de influência e, também, com os consumidores? Qual o perfil atual dos feirantes e consumidores e qual a relação destes com a cidade e a região? O que resistiu ao tempo e aos novos parâmetros de comercialização e consumo e como isso se deu? Sem qualquer intenção de “fechar/esgotar” as questões mencionadas, o estudo visibiliza os modos de fazer comércio e consumo na feira do Crato, enquanto elementos dinâmicos que assumiram e assumem na contemporaneidade papel fundamental no processo de (re)estruturação dos espaços local e regional.

Este esforço analítico tem ainda a pretensão de contribuir com as discussões sobre o espaço do comércio e do consumo no momento atual sublinhando a presença das feiras livres como um lugar de representatividade cultural, além de comercial, no espaço urbano-regional.

Em busca de respostas às questões em tela fez-se necessário uma abordagem de natureza qualitativa. O primeiro desafio consistiu em uma demarcação do marco teórico, a partir de levantamento bibliográfico, além de estudo estatístico documental e recuperação de arquivos. A coleta de dados dos aspectos históricos da referida feira foi indispensável.

O segundo esforço constituiu-se na observação sistemática da feira do Crato, visando, através de visitas constantes e realização de anotações e registros fotográficos, descrever e analisar a situação mais atual da feira. Destacam-se ainda, como elementos da pesquisa qualitativa, o estudo dos dados coletados na pesquisa direta, sobretudo aqueles relativos às mudanças e permanências, a expressão espacial da mesma e a origem dos produtos comercializados.

O principal instrumento utilizado para alcançar os objetivos da pesquisa foi a entrevista do tipo semiestruturada. Os informantes foram os(as) feirantes e consumidores(as). A coleta de dados concentrou-se nos meses de novembro e dezembro de 2017. Tendo em vista os registros do processo de observação, definiu-se no planejamento, a realização de um pré-teste das questões da entrevista com feirantes e consumidores. Após esse teste e alterações necessárias nos instrumentos de coleta de dados e informações, definiu-se por entrevistar 80 sujeitos envolvidos com as duas feiras. O contato direto com os informantes ocorreu nos dias de realização das mesmas, sendo vinte feirantes e vinte consumidores de cada uma delas.

Lüdke e André (1986, p 11), contribuem definindo características importantes da pesquisa qualitativa. Ela “[...] tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.” Acreditando no uso complementar da observação e das entrevistas, estabeleceu-se o contato direto e prolongado (o que foi possível) dos pesquisadores com o ambiente e a situação da feira. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa apresenta diversas possibilidades de estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas relações sociais, estabelecidas em vários ambientes, permitindo “[...] a produção de informações sobre pessoas, lugares e processos por meio do contato direto do pesquisador com a realidade estudada.” (SILVA; MENDES, 2013, p. 212).

Em alguns momentos, discutindo o resultado do processo de contato direto com feirantes e consumidores, procurou-se traduzir em números, percentuais, as opiniões e informações. Essas são estratégias mais associadas ao enfoque quantitativo, que aparece em trechos desse trabalho, mas não é a abordagem principal. Foi uma maneira encontrada para classificar as informações e organizá-las.

O trabalho que ora se apresenta estrutura-se em três partes. A primeira traz uma abordagem mais teórica relacionada ao surgimento das feiras, especialmente no Brasil e no Nordeste; situada no âmbito dos estudos geográficos sobre comércio e do consumo. A seguir, enfatizou-se as mudanças anotadas nas feiras tradicionais do Crato, assim como o que persiste e/ou resiste nesses arranjos comerciais locais, além de retratar alguns aspectos históricos dos mesmos. Já na terceira parte, privilegiou-se a discussão das espacialidades contemporâneas das duas feiras tradicionais estudadas e suas respectivas expressões espaciais.

GEOGRAFIA DO COMÉRCIO E DO CONSUMO EM FEIRA NO NORDESTE BRASILEIRO

O comércio sob a forma de feira é a mais antiga e tradicional do mundo (DANTAS, 2007). As feiras livres constituíram um dos aspectos mais importantes da Idade Média, segundo Almeida (2009), contexto histórico em que ocorreu a ampliação das práticas comerciais de troca e venda dos produtos excedentes nas diferentes organizações produtivas das sociedades europeias.

Foi a partir da Revolução Comercial, no século XI, que as feiras assumiram uma posição de notoriedade, apresentando protagonismo entre as camadas mais populares de diferentes lugares que periodicamente (alguns dias na semana) se reuniam em locais onde exerciam atividades de troca ou venda de seus diversos produtos (ALMEIDA, 2009).

No território brasileiro, as feiras livres são registradas desde os tempos da colonização. Discutindo a questão e analisando o fenômeno Pinto e Carneiro (2014, p. 60) ponderam que

A origem da feira no Brasil confunde-se com a própria história, com uma tradição cultural vivificada e existente até hoje. Logo, foi com a chegada dos portugueses no Brasil, que se deu a origem delas, espalhando-se por algumas cidades brasileiras e que lhes dão

destaques atualmente. Desse modo, a feira é um lugar cultural e um evento que, por sua vez, atrai pessoas de diversos lugares do seu entorno e, em certos casos, de outros estados, numa função direta do tamanho de sua centralidade ou função central de comércio.

O estabelecimento de uma primeira feira no Brasil data de 1548, em que foi ordenado no regimento enviado ao então governador geral Dom João III que fossem realizadas feiras nas vilas e povoados uma vez por semana ou até mais, caso necessário, para que os nativos pudessem vender os seus produtos e comprar aqueles que não produziam e necessitavam (MOTT, 1975 apud DANTAS, 2007).

Essa modalidade comercial difundiu-se em todas as regiões no território brasileiro, mas é inegável que foi no Nordeste que esse tipo de comércio conseguiu maior destaque e vitalidade. Isso “[...] em função, principalmente, da própria formação socioespacial da região, das condições socioeconômicas da população, dos meios de comunicação, do tipo de agricultura e pecuária praticada [...]” (DANTAS, 2007, p. 72).

Muitas aglomerações humanas surgiram a partir do comércio. A feira é uma dessas modalidades comerciais a qual se atribui a origem de algumas cidades, inclusive na região Nordeste do Brasil. Feira de Santana/BA, Itabaiana/SE, Quixadá-CE, Campina Grande/PB entre outras, são exemplos de núcleos urbanos nordestinos que surgiram ou começaram a despontar com maior dinamismo a partir dessas práticas comerciais originárias do período colonial (SILVA et al, 2010).

Na contemporaneidade, embora esse tipo de comércio tradicional tenha sofrido uma grande retração em termos de ocupação espacial e densidade econômica, mormente, em consequência da expansão globalizada de grandes redes de supermercados, hipermercados e atacarejos, refletindo nas estruturas espaciais de comércio tradicional, a feira ainda resiste e mantém-se como “[...] uma importante alternativa para a população” (DANTAS, 2007, p. 125) e para a economia de muitos municípios brasileiros.

A apropriação do espaço público pelos feirantes produz e reproduz os modos como o espaço urbano foi e vem sendo atualmente percebido e vivido. Significa uma luta diante do controle exercido sobre o espaço-tempo pelos planejadores capitalistas. À luz do pensar de Bernardino e Rocha (2015), assim como transcorreu séculos atrás, a feira ainda recicla e atribui diferentes funcionalidades aos espaços geográficos urbanos, possibilitando a manutenção das condições de existência dos/das produtores-feirantes⁴. Aqui, abre-se espaço para um breve esclarecimento acerca da semântica que os

⁴Aqui denominamos produtores/feirantes ou feirantes-produtores aqueles sujeitos que, no passado, representavam a imensa maioria dos sujeitos que além de se ocuparem da comercialização eram e/ou continuam sendo, ainda que em menor proporção, os responsáveis também pela produção das mercadorias, fossem e/ou seja, produtos agropecuários ou artigos produzidos artesanalmente.

termos comércio tradicional e espaço urbano assumem para a discussão. Em relação ao primeiro, sem desconsiderar a multiplicidades de significados, tendo por base Fernandes et al.(2000), compreende-se o comércio tradicional como sendo formado por pequenos estabelecimentos, de caráter generalista ou especializado, em geral, situados fora das grandes superfícies comerciais, de origem familiar e/ ou individual, caracterizados pela subdivisão em atacadista e retalhista (varejo).

No tocante a organização espacial da cidade ou, conforme Corrêa (2004), do espaço urbano, constitui-se em um conjunto justaposto de complexas formas de apropriação e usos do solo urbano. É a partir dessas ações que se definem diferentes áreas no interior deste espaço: a exemplo do núcleo central da cidade, as áreas industriais, residenciais, de lazer, etc.

Com a reorganização do espaço decorrente do processo de reestruturação da produção capitalista, promovido à escala global, impõem-se novos desafios aos empreendedores locais, a exemplo dos pequenos comerciantes e mesmo para os produtores-feirantes. Isso porque, em muitos casos, espaços tradicionalmente apropriados a partir de práticas locais ou regionais são revalorizados e convertidos em espaços estratégicos às operações dos grandes grupos empresariais, nacionais e globais. Destaca-se que esse processo ocorre em detrimento das demandas locais, a exemplo daquelas de interesse dos empreendedores tradicionais, no estudo em questão, comerciantes e mesmo produtores em suas práticas tradicionais.

A nova ordem, invariavelmente segregadora, se estrutura de modo tal que as formas mais tradicionais de comércio vão sendo deslocadas, “enquadradas” e mesmo confinadas em espaços menos valorizados e/ou periféricos em relação à centralidade urbana. No Crato, pode-se verificar o que se convencionou denominar aqui de periferização da feira. O seu (re)alocamento pelo poder público, em linha com os princípios urbanísticos modernos, reassentando-a cada vez mais longe do núcleo central, reafirmam a sua representação como território de ilegalidade, sujo e atrasado.

Essa ordem provoca transformações significativas nos arranjos dessa atividade de comércio e consumo e, muitas vezes, ao ponto de ocasionar sua extinção. É o que ressaltam Jesus e Dolzoni (2008), como foi o caso na cidade de Buenos Aires (final da década de 1970). No contexto brasileiro pode-se mencionar casos em Salvador (BA) e Fortaleza (CE).

A feira do Crato em diferentes tempos e espaços: memórias, mudanças e resistências

Farias Filho (2007) assinala que no século XIX, paralelo ao desenvolvimento da agricultura, ocorre um crescimento expressivo do comércio que já apresentava seus avanços com a construção de um mercado público, conhecido como mercado de frutas. Paulo Eupídio de Menezes, escrevia em 1918 (obra *O Crato do meu tempo*): “A feira corria animadíssima” agitando toda a cidade (MENEZES,

1985). Ocupava cerca de cinco ruas, somando-se ainda, uma feira de gado que acontecia às sextas-feiras, na área nomeada Alto do Rio Granjeiro (FARIAS FILHO, idem).

Ao longo de sua existência a feira livre do Crato/CE, apesar das mudanças que se sucederam e continuam em curso, ainda é capaz de desenhar e/ou interferir na organização do arranjo espacial da cidade e quiçá, diga-se na escala regional. Os fluxos dos produtos comercializados, comerciantes e consumidores têm origem e alcance intra e inter-urbano. Do mesmo modo, destacam-se as alterações que vão ocorrendo no espaço-tempo da cidade, deixando suas marcas impressas na feira, neste caso, com reflexos no dinamismo econômico e social, além dos resultados alcançados pelos feirantes-produtores.

De um lado, a competição pela preferência de consumo em feira ou nas modernas estruturas comerciais se coloca há muito tempo como um importante desafio aos feirantes. Principalmente pelas condições mais vantajosas oferecidas pelo comércio formal, como o crédito. Por outro, a periferização da feira promovida pelo Estado, que a restringiu à margem esquerda do rio Granjeiro, localidade deslocada do eixo preferencial dos fluxos na cidade e, portanto, de menor visibilidade, impôs-se como desafio adicional à persistência e resistência dos feirantes nesse tradicional arranjo comercial.

As mudanças que se verificam em Crato estão no bojo do processo de urbanização contemporâneo e, obviamente, não são exclusivas a essa realidade. O modo como as intervenções urbanísticas são realizadas e a forma como as cidades vêm sendo pensadas, invariavelmente privilegiando a racionalidade dos negócios corporativos e sob a égide do urbanismo moderno, acaba por promover mudanças profundas nas formas comerciais, especialmente nas tradicionais, como é o caso da feira do Crato.

Acerca do processo de urbanização da cidade do Crato/CE vale salientar o estudo realizado pelo arquiteto e urbanista Farias Filho (2007). O trabalho ressalta que esse processo aconteceu associado à herança de um passado rural, ou seja, sua modernização decorreu das atividades primárias tais como criação de gado, cultivo de algodão e cana-de-açúcar.

Farias Filho (2007) informa que a ideia de planejamento urbano eclode pela primeira vez no Crato na gestão do prefeito Alexandre Arraes (1937-1943). Nesse período: foi feita a primeira planta cadastral da cidade; a arborização da Praça da Sé; implantado o primeiro sistema de abastecimento de água canalizado; criou-se a Biblioteca Municipal; e ainda se pretendeu urbanizar as margens do Rio Granjeiro e o Bairro Seminário.

O planejamento urbano traçado pelos urbanistas contemporâneos com previsões de grandes intervenções urbanísticas nas cidades, objetiva a promoção e/ou expansão de espaços vazios para

facilitar o fluxo dos automóveis. Na cidade do Crato a situação não foi diferente. Sobre o urbanismo Lefebvre (2001) assinala que

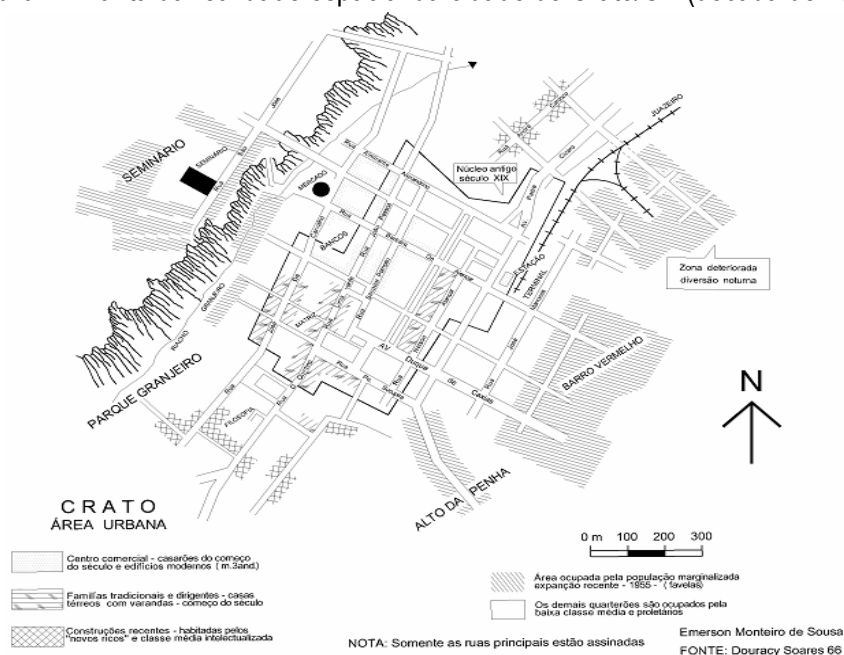
[...] com seus mitos e sua ideologia (a saber, o primado da técnica) não hesitaram em arrasar o que resta da Cidade para dar lugar aos carros, as comunicações, as informações ascendentes e descendentes. Os modelos elaborados só podem entrar para a prática apagando da existência social as próprias ruínas daquilo que foi a Cidade [...]. (LEFEBVRE, 2001, p.31)

Nesse sentido a feira livre como uma modalidade comercial varejista, que geralmente acontece em ruas, praças e calçadas, é entendida como um tipo de comércio que contraria os princípios do urbanismo moderno, que, por sua vez, valoriza a promoção de espaços livres, bem como a maior fluidez. Esse é um dos fatores apontados pelos feirantes e que resultou em uma das primeiras mudanças na feira livre do Crato/CE, a saber, a sua transferência das vias públicas principais para vias secundárias.

O discurso utilizado na época pelo poder público quando da remoção da feira das vias principais do núcleo central e sua realocação em vias secundárias, conforme relato dos feirantes, está ligado a dois motivos: ela estava atrapalhando a fluidez e, em segundo lugar, gerava acúmulo de lixo após a sua realização. Esses aspectos contrariam padrões e normas urbanas.

Com relação à localização da feira livre do Crato na década de 1960, conforme Figueiredo Filho (1968), a mesma acontecia em uma área central e estendia-se pelas cinco principais ruas do centro da cidade, dentre as quais se destaca a Rua do Fogo (a atual Senador Pompeu), Rua Grande (hoje Dr. João Pessoa), Travessa Califórnia (renomeada como Bárbara de Alencar), Rua Formosa (atualmente, Santos Dumont) e Rua das Laranjeiras (hoje José Carvalho). Ocupava nessa época uma extensa área urbana, pois a feira abrangia todo o prolongamento dessas ruas.

Figura 1: Planta da realidade espacial da cidade do Crato/CE (década de 1960).



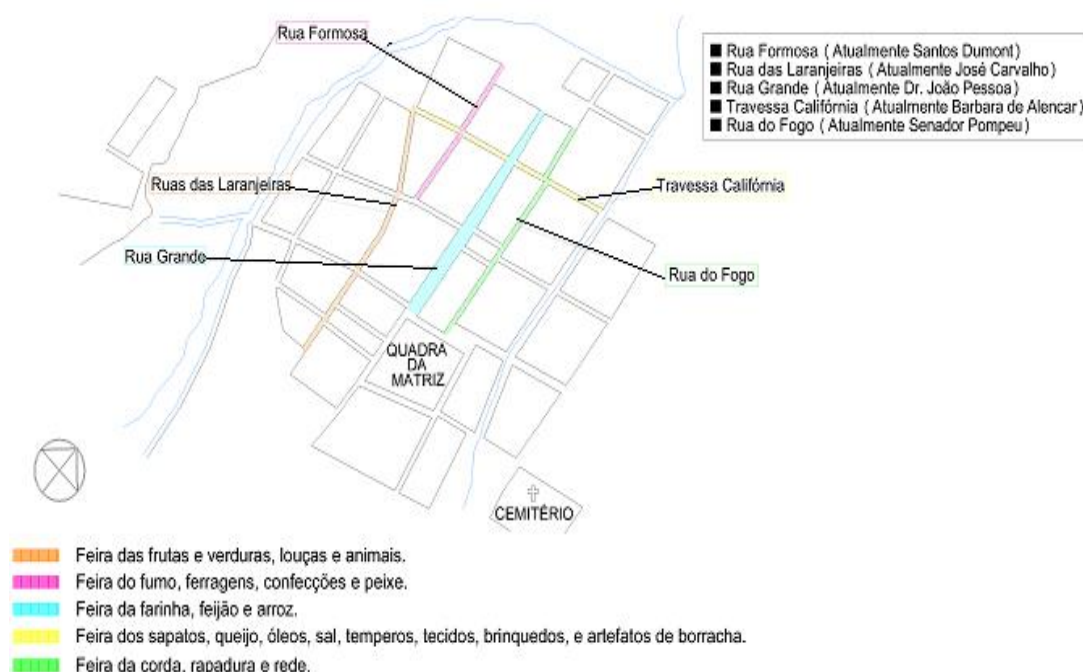
Fonte: elaborado por Sousa (2018), baseado em Soares (1966).

Nesse mesmo período, a feira representava um dos fatores explicativos para o dinamismo econômico e a extensão da área de influência da cidade do Crato. Escritores como Pinheiro e Figueiredo Filho (2010) evidenciam que a feira do Crato articulava um fluxo de pessoas de cidades próximas e até de outros estados do Nordeste, sobressaindo-se Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Piauí. No seu auge (1918 – 1960), chegou a ser considerada a terceira maior feira da região Nordeste em volume de negócio. Era superada apenas pelas feiras de Campina Grande/PB e Caruaru/PE.

As figuras 1 e 2 representam respectivamente a realidade espacial do Crato, conforme registros de Soares (1966) e o espaço apropriado pelas atividades da feira em tempos pretéritos, situação que perdurou do início do XIX até a década de 1970.

Quanto à organização, os registros históricos indicam que sempre houve uma lógica, onde cada rua ou trecho de rua era apropriado por feirantes que comercializavam mercadorias de uma mesma categoria ou tipo. É indicativo de um zoneamento da feira conforme a natureza dos produtos expostos. Nos dias de feira essas ruas perdiam seus nomes, e passavam a ser conhecidas pelos nomes de alguns dos produtos ali comercializadas (BRITO, 1991).

Figura 2: Localização da feira livre do Crato/CE – do século XIX até década de 1970.



Fonte: Baseado em Farias Filho (2007).

Outra mudança digna de nota nesse arranjo comercial diz respeito à procedência e à tipologia das mercadorias comercializadas pelos feirantes. Diferentemente de hoje, onde há uma predominância dos produtos industrializados, ainda que de modo artesanal e oriundos de lugares distintos do Brasil, no passado, a variedade de produtos postos à venda na feira tinha origem local ou procediam de municípios próximos. No período analisado por Figueiredo Filho (1968), meados do século passado, os produtos primários produzidos em escala local predominavam.

Ainda com relação às mudanças na feira livre do Crato/CE, outro fator que alterou esse ambiente comercial foi à incorporação de produtos considerados de tecnologia avançada. Exemplos dessas mercadorias são: DVD's, *pendrives* gravados com músicas populares, equipamentos portáteis de som e acessórios para celular e TV. A introdução desses elementos constitui uma das estratégias dos feirantes para garantir a permanência desse evento mercadológico no espaço-tempo da cidade. O período atual é marcado pela supervalorização de empreendimentos comerciais modernos, a exemplo dos *shoppings*, das grandes redes de supermercados, hipermercados e varejões. De acordo com Pintaudi (2009) para que uma forma comercial possa permanecer viva e durar no tempo, ela tem que ter a capacidade de resistência, dialogar com as novas formas que emergem.

Vale ressaltar que nem tudo mudou na feira. De fato ainda tem barracas que ofertam os mesmos produtos tradicionais de outrora. A persistência da comercialização deles, evidencia a conservação de traços culturais bastante significativos das tradições locais e regional, não apenas no

que tange a comercialização desses produtos, mas, também, a produção e demanda dos mesmos, ainda que em escala reduzida.

Grande parte das informações apresentadas sobre as feiras provém das entrevistas realizadas com os principais sujeitos que dão vida e significado para esses eventos aqui enfocados, feirantes e consumidores. Na pesquisa qualitativa valoriza-se as atividades que envolvem o contato direto entre pesquisador e grupo estudado, entendendo que as mesmas permitem compreender os fenômenos a partir de suas representações, crenças, opiniões, percepções, atitudes e valores. Nela, há uma relação dinâmica e interdependente entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa. (SILVA; MENDES, 2013, p. 207).

Feira “tradicional” no Crato contemporâneo

No contexto atual existem duas feiras consideradas tradicionais na cidade do Crato. Uma realiza-se aos domingos. A outra acontece às segundas-feiras. Situam-se nas proximidades do Mercado Público Municipal Walter Peixoto, localizado na Rua Madre Ana Couto, bairro Centro. Em comum, a forte articulação campo e cidade. Todavia, os dois eventos desempenham papéis distintos no espaço e no cotidiano urbano local e regional. A primeira se destaca por ofertar produtos tradicionais, principalmente aqueles produzidos no campo. É voltada ao atendimento das demandas dos consumidores da cidade. A segunda, considerada remanescente da forma mais tradicional descrita anteriormente, se apresenta com perfil totalmente distinto.

A feira que acontece nas segundas-feiras tem uma longevidade considerável no espaço-tempo dessa cidade. Sua origem remonta ao século XIX e apesar do aparente declínio, permanece até os dias atuais. Para resistir, passou por algumas adequações ao longo da sua trajetória. Na atualidade mantém-se ofertando produtos cuja origem é majoritariamente urbana e, até onde se verificou, parece mais voltada para os consumidores do campo.

A feira tradicional do domingo

Aos domingos ocorre uma feira no Mercado Central Walter Peixoto, já considerada tradicional pelo modo como se estrutura e se reproduz, sobretudo pelo destacado papel dos produtos agropecuários, especialmente hortifrutigranjeiros, e pela grande movimentação (de pessoas e mercadorias). O seu dinamismo é garantido pela presença de contingente maior de feirantes e consumidores(as) em relação à feira das segundas-feiras.

De acordo com o responsável pelo gerenciamento do mercado, aproximadamente 300 (trezentos) feirantes comercializam seus produtos aos domingos. As barracas são montadas tanto no interior do Mercado Público Municipal quanto na área exterior do mesmo, alterando significativamente a rotina do local. Acresce informar que o referido equipamento urbano funciona normalmente em todos os dias da semana, mas, é aos domingos que o mesmo apresenta uma dinâmica que remete a verdadeira essência de feira livre tradicional. É quando reúne um número expressivo de comerciantes/feirantes e clientes, barracas em funcionamento, bem como, intensa vibração e movimentação no local, iniciando ao raiar da luz do sol.

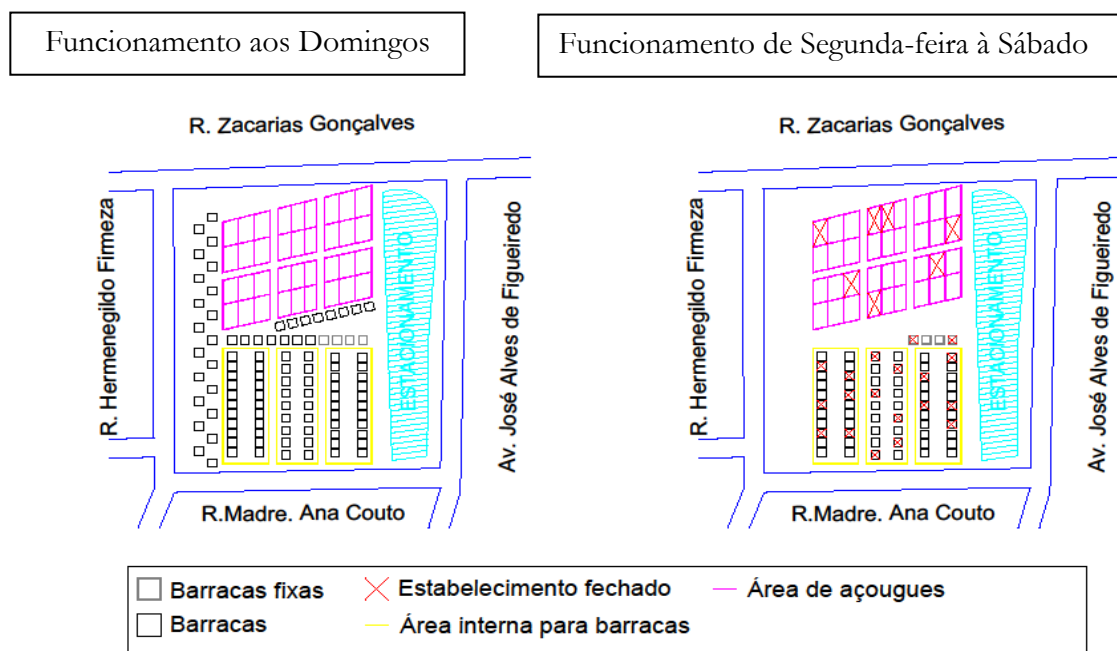
Nos outros dias da semana, há um número bem reduzido de feirantes, média de 100 (cem) comerciantes. Os demais feirantes buscam atividades alternativas fora desse local ou em municípios circunvizinhos. Alguns desses sujeitos continuam como feirantes, mas “fazendo feira” em outras cidades, a exemplo das feiras de Campo Sales – cidade situada na divisa do Estado do Ceará com o Piauí –, Juazeiro do Norte, Barbalha e Missão Velha entre outras.

Outra parte dos feirantes prefere sair vendendo seus produtos de porta em porta pelos bairros da cidade. Dentre esses, alguns que confrontam o poder público local e montam suas bancas em um trecho da Rua Santos Dumont, onde fica localizado o Camelódromo do Crato. Ainda tem os feirantes ocasionais, que durante a semana desempenham outras atividades, como as de faxina, vigilância, e profissionais, como pedreiro e operário de indústria.

Com relação à procedência dos itens comercializados, pode-se encontrar frutas, verduras e legumes que são cultivados em comunidades rurais do município de Crato. Exemplo do tomate, parte do cheiro verde e do milho verde ali vendidos. São produzidos respectivamente nos distritos de Ponta da Serra e nos povoados rurais, Guaribas e Vila São Bento.

Ainda no tocante a origem das mercadorias - se considerada a produção na escala da região do Cariri cearense -, Missão Velha é o município de onde vem a maior parte das bananas comercializadas na feira. Alguns produtores de Jardim também abastecem os feirantes. O distrito de Arajara, no vizinho município de Barbalha, é divulgado como sendo a origem recorrente de muitos produtos e também de feirantes-produtores. De lá chegam macaxeira, batata doce, cheiro verde, alface, acerola e banana. De Porteiras/CE vem parte dos tomates comercializados nessa feira.

A seguir pode-se conferir a figura 3, que retrata o funcionamento do Mercado Central Walter Peixoto nos dias ordinários (segunda-feira a sábado) e aos domingos, dia em que ocorre a famosa feira das frutas e verduras.

Figura 3: Dinâmica de funcionamento do Mercado Central Walter Peixoto.

Fonte: Elaborada pelos Autores.

De acordo com os feirantes, quando se atravessa o período de estiagem e, conseqüentemente, quando se esgota a produção da agricultura de sequeiro, a presença dos produtos da região na feira é inexpressiva. Diferente do período das chuvas, que representam momentos de fartura. Feijão verde, milho, jerimum, quiabo, maxixe são dos roçados do município de Crato. Os produtos da região são encontrados com maior frequência e em grande quantidade na época das safras. Exemplo da manga, pinha, seriguela, pitomba, goiaba, do cajá, pequi (fruto nativo da região) e do caju, ainda que em pequena quantidade.

Em relação ao Nordeste, é possível encontrar abacaxi, que chega da Paraíba/PB, do município de Sapé; cebola de Cabrobó/PE; pequi do Maranhão, cuja safra ocorre em momento anterior a do Cariri; melancia do Piauí; e tomate, oriundo em parte do município pernambucano de Cedro. No caso do melão e outras frutas de consumo mais seletivo (uva, ameixa, maçã e pera), legumes e verduras como couve, beterraba e cenoura etc., são originários dos perímetros irrigados de Juazeiro da Bahia, Petrolina-PE e até de Minas Gerais. Todos os dias caminhões carregados de frutas e verduras abastecem a Central de Abastecimento do Ceará (CEASA) em Barbalha. De lá são trazidos para os comerciantes/feirantes do Mercado Central do Crato.

Além de frutas, verduras e legumes, encontra-se ainda nessa feira produtos como leite, queijos, ovos, doces e pães caseiros, carnes bovina, suína e de aves, galinhas caipiras (vivas e abatidas), manteiga da terra, goma, bebidas e refeições.

No que tange ao perfil dos(as) feirantes que trabalham nessa feira, constatou-se: 40% são do gênero masculino e 60% do feminino. Quanto ao local de residência dos/as mesmos/as, 80% são oriundos do próprio município do Crato. 65% da zona urbana e 15% da zona rural. Os que residem em outros municípios, como Juazeiro do Norte e Barbalha totalizaram 20%.

Em relação à faixa etária, 50% dos(as) feirantes se encaixam na faixa de idade entre 18 a 39 anos. Os demais se enquadram na faixa etária entre 40 a 75 anos. No que se refere ao nível escolaridade, 20% não chegaram a concluir o ensino fundamental; 5% finalizaram esse ciclo de ensino; 30% concluíram todo o ensino médio e 20% não o terminaram por completo.

No que diz respeito ao perfil dos(as) consumidores(as), os dados da pesquisa mostram que tanto homens quanto mulheres fazem compras nessa feira. 55% dos entrevistados são do sexo masculino e 45% do sexo feminino. No tocante a faixa etária, 20% estão inseridos na faixa entre 27 a 48 anos. Percentual maior, 80% na faixa etária de 50 a 70 anos. Na coleta, 100% dos informantes residiam no próprio município do Crato, sendo 95% na zona urbana e 5% na zona rural. Quanto ao nível de escolarização, 35% dos/as consumidores(as) cursaram o ensino fundamental completo; 35% concluíram o ensino médio e 20% encerraram o ensino superior (sem especificar a área de conhecimento); 10% não finalizaram essa modalidade de ensino.

A feira do domingo pode ser denominada como a feira do cratense. Ela atende as demandas de consumo dos cidadãos e a maior parte dos feirantes residem no município, principalmente no meio urbano.

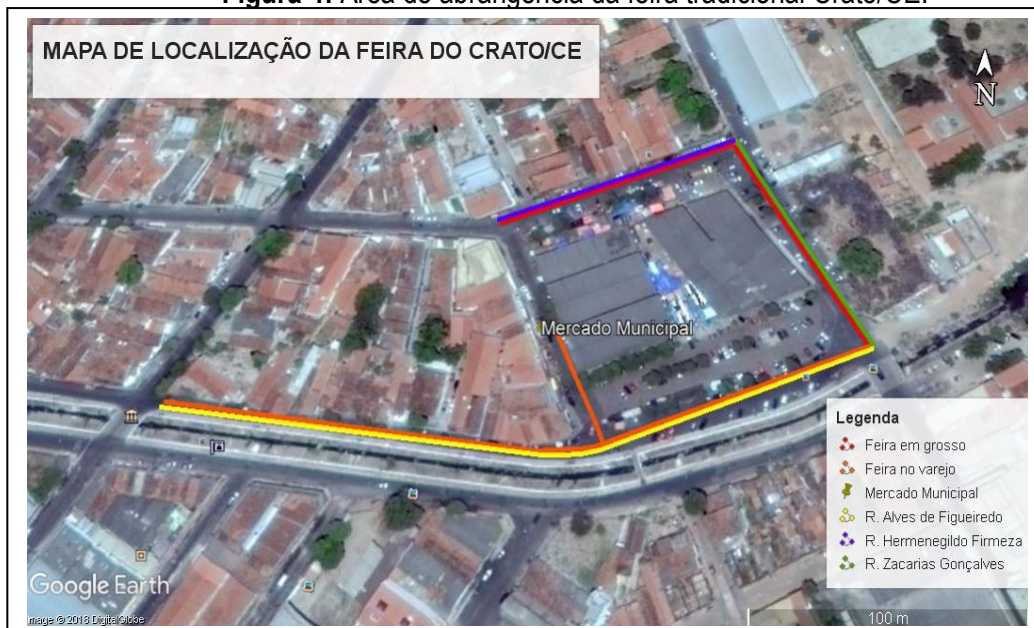
Feira tradicional da segunda feira

Atualmente a feira tradicional das segundas feiras acontece nas ruas do entorno do Mercado Público Walter Peixoto, ao lado do canal do rio Granjeiro, abrangendo trechos de três ruas: rua José Alves de Figueiredo, onde são comercializados produtos no varejo; ruas Hermenegildo Firmeza e Zacarias Gonçalves, onde predomina a comercialização de mercadorias no atacado. Há, ainda, grande número de estabelecimentos comerciais varejistas que funcionam naquele entorno.

Atualmente, essa feira se manifesta para muitos, especialmente para os que fazem seus deslocamentos por essa área, como um evento espacial em declínio, devido à redução da área urbana ocupada pelos/as feirantes e também pela diminuição do número de frequentadores. Estudos realizados por Bacurau (2009) constataram que o número de feirantes e conseqüentemente a quantidade de barracas e o espaço físico ocupado pelas atividades da feira vêm diminuindo significativamente nos últimos anos.

A figura seguinte mostra o espaço urbano ocupado atualmente pela feira.

Figura 4: Área de abrangência da feira tradicional Crato/CE.



Fonte: Elaborado pelos pesquisadores, Agosto/2018.

Apesar do aparente declínio, atualmente a feira livre concentra grande diversidade de produtos, predominando a comercialização de itens industrializados, tanto modernos como artesanais. Dentre os produtos, destacam-se: confecções, brinquedos, utensílios domésticos, aviamentos (produtos de costura), calçados, condimentos, ferramentas agrícolas, malas artesanais, bijuterias, queijos, cordas, pote, panela de barro, rapadura, fumo, rede, lamparina, chapéu, bolsas, produtos populares importados, cereais em grão, material escolar etc., todos esses são expostos em barracas ou no chão, em lonas, ou até mesmo em carrinhos de madeira improvisados.

Quanto à origem dos produtos supracitados, os dados coletados revelaram um fluxo que articula as escalas local, regional, estadual e até nacional. Em proporções bem menores se comparado com períodos anteriores, ainda hoje é possível encontrar alguns produtos de procedência local e regional nessa feira, é o caso dos potes de barro para armazenar água que são produzidos na zona rural de Crato, no sítio Quebra. Parte da farinha, assim como da goma ali comercializadas, são oriundas de casas de farinha situadas em povoados da chapada do Araripe e seu entorno imediato, como Baixio das Palmeiras, também em Crato.

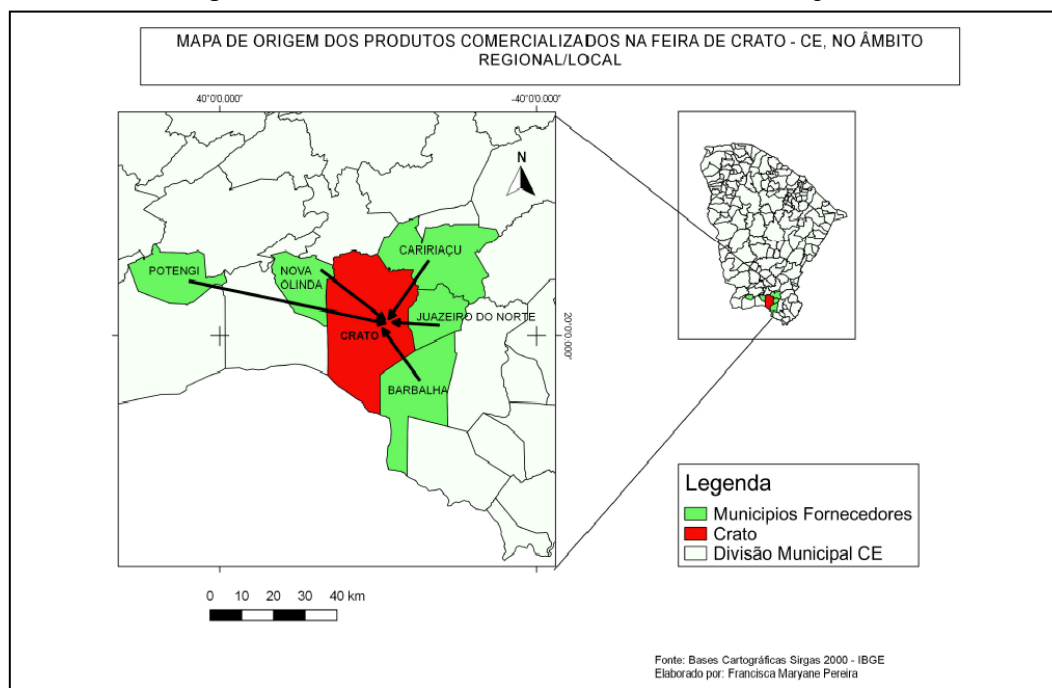
Da região do Cariri cearense, destacam-se Potengi, Nova Olinda, Caririçu e Juazeiro do Norte, de onde chegam produtos que diversificam a feira. Ferramentas agrícolas como enxada, enxadeco, machado, foice, roçadeira, chibanca, etc., vêm em maior proporção diretamente das oficinas

dos ferreiros de Potengi. Outra parte vem de Nova Olinda. Tem um ferreiro que, junto com seus filhos, produz artefatos e os comercializa nesta e em outras feiras.

No caso das cordas de agave, o único feirante que trabalha com esse produto informou que o adquire em Caririçu. O doce tão apreciado pelos sertanejos, a rapadura e a batida vêm de engenhos que ainda resistem no município de Barbalha. A propósito da produção de rapadura, um produto importante na feira tradicional, ela se dá no município de Barbalha. Todavia, sua produção local entrou em colapso. O Diário do Nordeste em sua edição de 16 de agosto de 2008 informa “[...] dos mais de 100 engenhos que funcionaram na década de 60, no município de Barbalha, restam somente cinco que estão agonizando [...]”. Até onde se sabe, apenas um continua operando.

Uma porção significativa de itens vendidos na feira do Crato/CE são adquiridos em Juazeiro do Norte. Produtos importados como rádio, DVDs, *pendrive*, lanterna, mine som portátil, calculadora, óculos escuros, carteira de bolso, boné, chaveiro, aviamentos, condimentos, são adquiridos pelos feirantes no mercado central de Juazeiro do Norte por meio de atravessadores. Nesse município também se abastecem de calçados femininos, bijuterias, utensílios domésticos de alumínio, esses confeccionados nas pequenas fábricas locais. De igual procedência são as malas artesanais, produto já rarefeito no mercado, mas ainda encontrado nessa feira. A figura 5 mostra o fluxo de mercadorias no âmbito local e regional.

Figura 5: Fluxo das mercadorias em âmbito local e regional.



Fonte: Elaborado pelos pesquisadores.

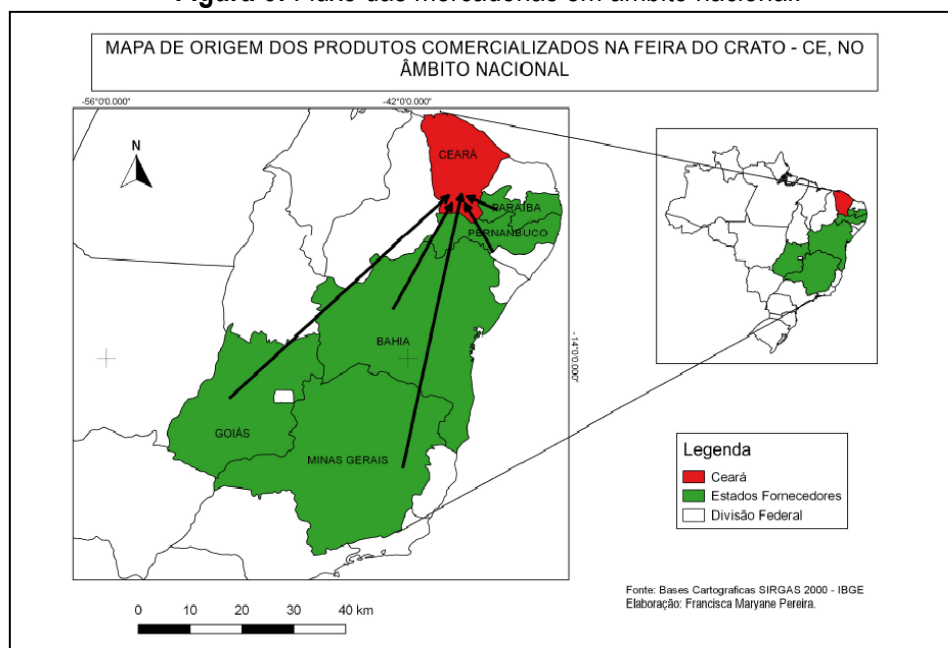
No âmbito estadual, Fortaleza é um dos destinos principais dos/as feirantes para adquirir as confecções comercializadas na feira, principalmente jeans, modinha, moda íntima e artigos para cama, mesa e banho. Outras rotas percorridas em busca dessas mesmas peças articulam o mercado local na escala regional e nacional. É o caso das conexões com as cidades de Caruaru e Santa Cruz do Capibaribe, ambas localizadas no agreste de Pernambuco. É desse mesmo Estado, precisamente de Exu, município vizinho ao Crato, que vêm os queijos de coalho e de manteiga.

É importante enfatizar a forte presença de confecções de perfil popular nesta feira, visto que há um número expressivo de pontos de feirantes que ofertam esses produtos. Gonçalves (2016), em sua tese de doutorado ressalta a expansão do comércio de confecções nas feiras nordestinas e a perda de espaço dos produtos agrícolas. Algo semelhante pode ser verificado nessa feira tradicional do Crato.

Ainda no tocante a origem dos produtos, a feira livre do Crato (CE) recebe as redes de dormir da Paraíba (PB); os cereais em grãos como o milho, o feijão e o arroz são procedentes de três lugares distintos, da Bahia (BA), de Goiás (GO) e de Minas Gerais (MG). Deste último, mais especificamente da cidade Nova Serrana, chegam parte dos calçados comercializados na feira, principalmente as botinas e as chuteiras.

Os produtos comercializados na tradicional feira livre das segundas-feiras remetem de um lado a uma produção predominantemente industrial, logo, urbana. Do outro, representam a tessitura de nexos muito mais diversos e complexos que outrora, articulando a realidade local com localidades e regiões numa escala não alcançada anteriormente. A figura 6 mostra o fluxo de mercadorias em âmbito nacional.

Figura 6: Fluxo das mercadorias em âmbito nacional.



Fonte: Elaborada pelos Autores.

No tocante a origem dos/das feirantes, 35% são do município de Crato, 65% têm residência fixa em outras localidades, como Barbalha e Juazeiro do Norte. O que destoava do observado por Corrêa (2011) quando o mesmo afirma que a maioria dos/das vendedores/as dos mercados periódicos são provenientes de outros núcleos urbanos, onde residem e realizam de forma praticamente permanentemente a mesma atividade de subsistência.

Em relação aos dados obtidos acerca dos(as) consumidores(as), pode-se perceber que tanto homens como mulheres transitam nesse espaço comercial. Vale destacar a predominância do sexo masculino entre os consumidores. O estudo mostrou que 70% são do sexo masculino e 30% do sexo feminino. O tempo que esses frequentam o espaço da feira também possui variações. 25% afirmaram frequentar a menos de vinte anos e 85% asseguraram que há mais de vinte anos. 85% das pessoas entrevistadas residem no município do Crato/CE e 15% são residentes em comunidades rurais de municípios próximos (Altaneira, Farias Brito e Exu). Nesse caso foi possível identificar, no período da coleta de dados, que a feira livre tradicional ainda é visitada por pessoas oriundas do estado de Pernambuco, como é caso dos consumidores que se deslocam das zonas rurais de Exu/PE, situação facilitada pela proximidade territorial do município pernambucano em relação ao Crato. Vale sublinhar que 55% desses são da zona rural e 45% da zona urbana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo consistiu numa experiência ousada, um convite a (re)conhecer a legitimidade e importância da feira livre ao longo da história do Cariri cearense. Um desafio que se mantém aberto, pois, pensar um estudo que situa os processos de mudanças e resistências de uma forma tradicional de comércio em contextos profundamente marcados por um movimento global de organização do mercado de varejo e suas respectivas formas espaciais, representa uma tarefa instigante e com certo grau de dificuldade.

Este estudo significou a abertura de um debate que, tanto no âmbito acadêmico quanto no social, parecia superado. Pretendeu ainda realçar o papel e importância da feira no âmbito econômico, ainda que para alguns essa importância seja relativizada.

Sem qualquer pretensão de “encerrar” as questões aqui levantadas, vale ressaltar as nuances que envolvem o estudo, pois implica reconhecer e considerar as multiplicidades de pontos/indagações que seguem em aberto, o que demanda novos (re)encontros com a temática do comércio e do consumo em feira.

O enfoque proposto representa uma entre inúmeras possibilidades de focalizar o espaço da feira, por exemplo, como estando em descompasso com os princípios de urbanidade contemporâneos,

uma vez que os mesmos, em certa medida, valorizam a promoção de espaços livres nas cidades, bem como a maior fluidez.

Em contrapartida aos paradigmas modernos dos espaços de consumo, as persistências e resistência da feira, representam a apropriação do espaço público, significando uma insurreição do uso da rua, uma reivindicação do direito à feira, uma expressão da luta pelo direito à cidade, nos termos propostos por Lefebvre (2008).

Para esse autor, a rua constitui-se no lugar de encontro, sem o qual não existiriam outros encontros possíveis, não existiria vida urbana, mas segregação imobilizada. A permanência da feira, seja em Crato ou alhures, é também a resistência pela manutenção de um espaço de negócios, encontros, de festividade, de cultura. Em suma, a luta dos feirantes ao direito à feira é uma manifestação do exercício de cidadania.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Shirley Patrícia N. de Castro. **Fazendo a feira**: estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemática de feirantes e fregueses da Feira do Bairro Major Prates em Montes Claros (MG). Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social). Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), 2009. Disponível em: <www2.fe.usp.br/etnomat/teses/fazendo-a-feira>. Acesso em: 22 out. 2017.

BACURAU, Luiz Ronaldo de Brito. **A importância econômica e social da feira do Crato**. Monografia (Bacharelado em Ciências Econômicas). Universidade Regional do Cariri, Crato-CE, 2009.

BERNARDINO, Virgílio Manuel Pereira; ROCHA, Márcio Mendes. Mobilidade, Comércio e Consumo da feira de Leiria: conflitos de uma centralidade temporária. In: **Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia**. N.99. 2015.

BRITO, Mauricio de Oliveira. **A Feira do Crato**. Monografia Universidade Regional do Cariri, Crato- CE, 1991.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 2004.

_____. **Trajetórias geográficas**. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

DIÁRIO do Nordeste. Falência da tradição: engenhos agonizam no Cariri. Publicado em 16/08/2008. Disponível em: caririagora.blogspot.com/.../matéria-do-diário-do-nordeste16-08-2008. Acesso em: 23 de Nov. de 2017.

DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. **Feira de Macaíba/RN: um estudo das modificações na dinâmica socioespacial (1960/2006)**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2007. Disponível em: www.repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream. Acesso em: 22 out.2017.

FARIAS FILHO, Waldemar Arraes de. **Crato evolução urbana e arquitetônica 1740 – 1960**. Fortaleza: Expressão gráfica e editora, 2007.

FERNANDES, José Alberto V. Rio; CACHINHO, Herculano; RIBEIRO, Carlos Vieira. **Comercio tradicional em contexto urbano**: dinâmicas de modernização e políticas públicas. Departamento de Estudos para o Desenvolvimento e Ordenamento do Território, Universidade do Porto. 2000.

FIGUEIREDO FILHO, José de. Feira – Retrato econômico do Crato. In: **Rev. Itaytera**, n.2,1956.

_____. **História do Cariri**. vol. III e vol. IV. Crato: Faculdade de Filosofia do Crato, 1968.

_____. **Engenhos de Rapadura do Cariri**. Fortaleza: Universidade Regional do Cariri (URCA), Universidade Federal do Ceará (UFC), 2010.

GONÇALVES, Luiz Antonio A. **A metamorfose das feiras nordestinas com a inserção da confecção popular**: um estudo geográfico das feiras de Caruaru-PE; Arazá, Sobral-CE e Serrinha-BA. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza/CE, 2016. Disponível em <<http://www.uece.br/mag/dmdocuments>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de; DOLZANI, Miriam Regina da S. Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. In: **Rev. Ateliê Geográfico**. V. 2, N.2. Goiânia-GO, 2008. p. 72-87. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br>>. Acesso em: 30 set.2017.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MENEZES, Paulo Elpídio de. **O Crato de meu tempo**. 2. ed. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1985.

MENEZES, José P. Bezerra de. Município do Crato. Comarca do mesmo nome. Estado do Ceará. Notas colhidas e observações feitas por um amigo da terra, em setembro de 1915. In: **Revista do Instituto do Ceará – Histórico, Geográfico e Antropológico**. 1918.

PETRONE, Pasquale. Crato - capitall da região do Cariri. In: **Boletim Paulista de Geografia**. N. 20, São Paulo, jul. 1951. p. 31-55.

PINHEIRO, Irineu; FIGUEIREDO FILHO, José de. **Cidade do Crato**. Co-edição Secult/ Edições URCA, UFC: Fortaleza, 2010.

_____, Irineu. **O Cariri**. Coedições Secult/ Edições URCA – Fortaleza: Edições UFC, 2010.

PINTAUDI, Silvana Maria. Anotações sobre o espaço do comércio e do consumo. In: CARRERAS, Carles; PACHECO, Susana Mara Miranda (Org.). **Cidade e comércio – a rua comercial na perspectiva internacional**. Rio de Janeiro: Armazém das Letras, 2009.

PINTO, Francisco Ringo Star; CARNEIRO, Rosalvo Nobre. A Feira Livre de Pau dos Ferros - RN: Espaço e Tempo. CARNEIRO, Rosalvo Nobre (Org.). **Circuito Inferior e Fluxos Socioespaciais: a Feira Livre de Pau dos Ferros-RN**, Mossoró: UERN, 2014.

SILVA, Juniele Martins¹; MENDES, Estevane de Paula Pontes². Abordagem qualitativa e geografia: pesquisa documental, entrevista e observação. MARAFON, Glaucio J.; RAMIRES, Julio César de L.; RIBEIRO, Miguel Angelo; PESSÔA, Vera L.S. **Pesquisa qualitativa em Geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

SILVA, Edmilson Meneses da et al. **O desenvolvimento econômico e social da feira livre de Umbaúba, 1989 a 2009**. Sergipe, 2010. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/o-desenvolvimento-economico-e-social-da-feira-livre-de-umbauba-1989-a-2009/33163/>> Acesso em: 17 mar. 2018.

SILVA, Rafael França da. **O comércio tradicional do aglomerado urbano Crajubar/CE no contexto da reestruturação produtiva**: mudanças e permanências. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.ufrn.br>>. Acesso em: 01 maio 2018.1)